

TEMAS PERTINENTES AO JUDAÍSMO: LEMBRANDO DE JUDÁ ATÉ A AMÉRICA LATINA: HISTÓRIA, MEMÓRIAS, (IN)TOLERÂNCIAS E VIOLÊNCIAS

Márcio Darlan Rosa Knobloch¹

RESUMO

O povo judeu oriundo do Oriente Médio, espalhou-se aos quatro cantos do planeta e sobre eles tem caído muitas injúrias que vão desde as catástrofes naturais até problemas de ordem social e religiosa como se todos os judeus tivessem culpas dos fatos ocorridos. Disseminaram-se idéias antissemitas gerando intolerâncias e violências. Já nos seus primórdios colonialistas, a América Latina tem recebido entre os ibéricos muitos judeus e cristãos-novos originários do judaísmo. O fenômeno religioso “Jesus de Nazaré” e “Paulo de Tarso Apóstolo” tem sido manipulado pelos antissemitas para sustentar suas posições. Mas, ambos são “patrimônios” do judaísmo. Situação que deve ser revista pelos antissemitas. A América Latina é uma terra marcada pela diversidade étnica e cultural, as quais devem ser respeitadas, a despeito das intolerâncias e violências no solo latino-americano.

JUDAÍSMO E (IN)TOLERÂNCIA

Para Isaack Izeksohn a história do povo judeu teve seu início no Oriente Médio,² o que de certa forma é censo comum. Posteriormente houve diversas diásporas judaicas para diversos lugares do planeta.

Isaack Izecksohn afirma que quando ocorria alguma catástrofe ou algo semelhante ou mesmo um fenômeno natural, durante a Idade Média, na Europa tais como, um cometa no céu, um eclipse do sol, terremotos, secas, inundações, más colheitas e, principalmente, epidemias, etc., as massas ignorantes corriam em direção aos bairros judaicos, praticando terríveis massacres, acompanhados de violências e saques de suas propriedades.³

O progresso científico tem ajudado o povo judeu neste sentido, anulando todas essas acusações. Porém, permanece problemático ainda as Ciências Sociais, onde os antissemitas da atualidade sustentam suas colocações disseminando seus ideais de intolerâncias e violências em relação aos judeus⁴ e seus relacionados também na

¹ Mestre em teologia pelo Instituto de Pós Graduação – IEPG; linha de pesquisa: etnias e suas culturas no município de Glorinha e seu entorno no Rio Grande do Sul; Glorinha/RS, Brasil; contato: mestre.marcio@hotmail.com.

² IZECKSOHN, Isaack. *História dos judeus*. 2.ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1974, p.21, v.2.

³ IZECKSOHN, 1974, p.15, v.1.

⁴ IZECKSOHN, 1974, p.15, v.1.

América Latina. Basta lembrarmos os fatos ocorridos na Argentina há alguns anos atrás envolvendo a comunidade judaica, como os ataques civis a uma instituição.

Os antissemitas procuram nas Ciências Sociais seus argumentos para acusar os judeus de “provocar as crises econômicas, as guerras, as revoluções, a degradação moral e a degeneração racial...” e, assim, surgiram livros sensacionalistas como “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, “Mein Kampf” e muitos outros, os quais estimulam o ódio das massas ignorantes,⁵ como se todos os judeus fossem culpados dessas coisas, assim como se todos os latinos americanos fossem coniventes com os horrores das ditaduras.

A catástrofe mundial decorrente do nazismo deixa-nos “evidente que os efeitos nocivos do preconceito anti-judaico não se limitam somente aos judeus. Eles atingem toda a humanidade”, pois, existem efeitos diretos e indiretos não só ao tempo do nazismo mas também na Idade Média, a progenitora do referido regime: os problemas epidêmicos poderiam ser melhor evitados, até sanados de imediato se procurassem a sua verdadeira causa ao invés de acusarem os judeus.⁶ A propósito, foi nas regras higiênicas da Bíblia que encontraram soluções, visto que os judeus eram menos atingidos por tais problemas. Por exemplo, não conviviam com ratos e porcos.

O antissemitismo é tão antigo quanto a existência de Israel. Na estela do faraó Menerftáh “aparece pela primeira vez na história o nome Israel” não como “indicativo de país [...], mas como de povo, expressão vaga que indica grupo não organizado politicamente”. Este faraó proclamou em 1231 antes da era atual que a “sua semente [foi] aniquilada” referindo-se a Israel e enganando-se.⁷

Também está ligado à violência a prática do sacrifício humano tão comum entre os povos antigos, incluindo muitos da América Latina, embora visto pelos eruditos com normalidade, como ato cultural e cútico. Esta atitude era proibida pela Bíblia. Com essa proibição, o povo hebreu foi elevado acima de todas as outras nações da Antiguidade,⁸ sendo para os judeus a vida sagrada.

Que interessante seria se alguns judeus, cristãos e islamicos observassem com profundidade o mandamento do amor e da tolerância entre as pessoas, tão difundidos

⁵ IZECKSOHN, 1974, p.15, v.1.

⁶ IZECKSOHN, 1974, p.16, v.1.

⁷ IZECKSOHN, 1974, p.33-4, v.1.

⁸ IZECKSOHN, 1974, p.42.

por Abraão e Moisés⁹ e outros patriarcas e profetas: o mundo seria melhor, com menos violência. Isto vale também para o nosso contexto latino- americano em pleno século XXI.

Um judeu exemplar, seguidor das propostas do fariseu e rabi Hillel, cuja máxima era “não faças aos outros o que não queres que te façam”, Jesus de Nazaré,¹⁰ o qual foi muitas vezes usado contra o seu próprio povo – os judeus – Jesus de Nazaré foi sacrificado na cruz por força legal romana que era categórica. Portanto, não resolveria a interferência judaica, nem contra nem a favor. A “*causa mortis*” era o fato de Jesus ter confirmado a Pilatos que era o “Rei dos Judeus”, ato considerado subversivo.¹¹

Esta história de Jesus de Nazaré tem servido de inspiração aos antissemitas, pois, desta forma, poderiam encontrar argumentos para as suas colocações, estimulando a violência e a intolerância, culminando no holocausto judaico no século XX. Mas, o evidente é que Jesus de Nazaré amava o seu povo judeu (Mateus 15:29-39) e sua religião judaica (Mateus 5:17-19), o que deve desfazer toda atitude antijudaica que se diz cristã. Jesus foi sempre um judeu fervoroso. À beira do poço de Jacó, disse à samaritana: “a salvação vem dos judeus”. (João 4:22)¹² Jesus de Nazaré teve conflitos com algumas autoridades em relação ao abuso das mesmas em relação às massas judaicas empobrecidas e à sua reivindicação messiânica (Mateus 23:1-3), mas não com o povo judeu em geral.

Por sua vez, o cristianismo é um partido judaico enquanto movimento; em sua origem guardavam o sábado, obedeciam às leis higiênicas e alimentares. Em tudo havia identidade com os outros partidos religiosos judaicos, exceto na questão do Messias que para os cristãos, já havia vindo pela primeira vez: eram chamados de nazarenos.¹³ Mas, enquanto instituição, o cristianismo é independente: cada denominação cristã tem sua sede própria. O partido religioso judaico dos nazarenos (cristãos) tinha doutrina praticamente idêntica aos atuais cristãos adventistas do sétimo dia, denominação presente na América Latina.

Para o historiador romano Tácito,¹⁴ Jesus de Nazaré “[...] foi condenado ao

⁹ Os nomes próprios hebraicos serão latinizados, ou mais claro, aportuguesados.

¹⁰ IZECKSOHN, 1973, p.24. v.2.

¹¹ IZECKSOHN, 1973, p.25. v.2.

¹² IZECKSOHN, 1973, p.26. v.2.

¹³ IZECKSOHN, 1973, p.26-7. v.2.

¹⁴ apud BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 4ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 2344, (Quadro Cronológico).

suplício por Pôncio Pilatos, sob o Imperador Tibério”, confirmando este ato legal sob responsabilidade romana e não judaica. Estes acontecimentos me fazem refletir o imperialismo ibérico sobre os nativos e mestiços da América Latina... e, hoje, o estadunidense. Basta observar que a crise nos EUA afetaram o globo e na sua prosperidade, o mundo inteiro não prosperou... gerando violência em relação à dignidade humana.

No tocante aos primórdios, seria Paulo de Tarso Apóstolo um traidor do judaísmo, sendo intolerante e violento, incitando as massas ao antissemitismo que perdura até hoje?

Isaac Izecksohn afirma que Paulo de Tarso “morreu declarando-se judeu”.¹⁵ O próprio Paulo de Tarso disse a seu respeito que era judeu (Atos dos Apóstolos 22:3; 21:39). Paulo também se dizia fariseu (Atos dos Apóstolos 23:6). Paulo de Tarso era um judeu/fariseu oriundo da diáspora, da cidade de Tarso, na Cilícia (Atos dos Apóstolos 22:3) que era caracterizada como uma cidade multiétnica e multicultural “que deve ter fornecido ao jovem *Shaul* um substrato rico para sua formação humana” segundo Claude Tresmontant.¹⁶ O mesmo coloca também que os escritos de Paulo em alguns momentos foram influenciados pelas ideias expostas na *Mishna*.¹⁷

Conforme Claude Tresmontant, “uma das características do judaísmo da Diáspora é o proselitismo”¹⁸ (conferir também Mateus 23:15), um comportamento que influenciou Paulo de Tarso.

Mas seria Paulo de Tarso antijudaico? Argumento este utilizado pelos antissemitas, como as ideias antisabáticas e as contra as leis dietéticas e higiênicas e mesmo contra a circuncisão. O único problema referente às instruções/leis judaicas e Paulo de Tarso foi em relação à circuncisão e os não judeus, onde Paulo e o Concílio de Jerusalém (Atos dos Apóstolos 15) decidiram por não impor a circuncisão do prepúcio aos demais “filhos de Adão”, pois entendiam ser um sinal exclusivo para os judeus (Gênesis 17:10). E, foi a circuncisão abolida em Paulo de Tarso? Não, a circuncisão do prepúcio ficaria para os judeus e circuncisão simbólica do coração para os judeus e não judeus (Jeremias 4:4; Deuteronômio 30:6). Paulo de Tarso diz que a circuncisão é, para

¹⁵ IZECKSOHN, 1973, p.28, v.2.

¹⁶ TRESMONTANT, Claude. *São Paulo e o mistério do Cristo*: mestres espirituais. Traduzido por Ruy Flores Lopes. Rio de Janeiro: Agir, 1957, p.8.

¹⁷ TRESMONTANT, 1957, p.13.

¹⁸ TRESMONTANT, 1957, p.12.

Abraão e os judeus, o “selo da justiça da fé” (Romanos 4:11). Mas, para os não judeus a circuncisão do prepúcio não é nada (Gálatas 6:15). Uma leitura superficial e ocidentalizada das epístolas de Paulo de Tarso podem causar confusão. Até mesmo nos meios apostólicos e cristãos isto aconteceu (2ª Pedro 3:15,16). O que importa para Paulo de Tarso é que judeus e não judeus observem os mandamentos de Deus, isto é, suas normas morais, dietéticas e higiênicas (I Coríntios 7:19). Que se afastem das coisas imundas moralmente mas, também materialmente (2ª Coríntios 6:17; 7:1). Hoje sabemos que circuncisão é salutar, evitando doenças, para homens e mulheres.

Mas, quanto ao sábado do 7º dia, as leis dietéticas e Paulo de Tarso? Em Atos 15, Romanos 14 e I Coríntios 8:1-13 falam de carnes sacrificadas aos ídolos e depois vendidas no mercado; de dias específicos em que deveriam abster-se de carnes para santificá-los. Essas práticas ascéticas eram conhecidas nos meios pitagóricos e essênios e os cristãos não eram obrigados a segui-las.¹⁹

E o sábado? Em Atos dos Apóstolos 17:1, 2 nos diz que era costume de Paulo freqüentar a sinagoga aos sábados, certamente guardando-o. Nesta época, todos os cristãos honravam o sábado devidamente²⁰ (Atos dos Apóstolos 13:42,43). O que Paulo escreve aos Colossenses no capítulo 2:16, seria antijudaico? Também não. Diz que os gentios cristãos não estavam obrigados aos sábados mensais e anuais (feriados) e suas comidas e bebidas específicas desses dias, não desfazendo a lei moral – o sábado semanal (Êxodo 20:1-17) e nem a dietética/higiênica (Levítico 11, etc.). Como Jesus de Nazaré, Paulo de Tarso não destruiu a Lei e os profetas. Mas escutaram a universalidade da fé judaica, adaptando-as às culturas até onde fosse possível (Romanos 7:7-12). Por isto, os antissemitas devem fazer uma releitura da relação Jesus, Paulo e judaísmo. Paulo de Tarso chega até mesmo prever uma união espiritual de judeus e cristãos (Romanos 11:25-30).

Os reflexos milenares do antissemitismo chega até o século XXI a ponto de uma autoridade eclesiástica afirmar na Argentina (2009) que não houve o Holocausto Judaico durante o período nazista! Pio XII foi prudente em proteger a Igreja Católica Romana dessa controvérsia e imprudente em relação ao judaísmo com seu “silêncio”.

Atualmente, temos um documento religioso com abrangência ampla sobre a

¹⁹ BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 4ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 2141, 2157-8. (nota).

²⁰ IZECKSOHN, 1973, p.26-7, v.2.

santificação do domingo, onde nos é evidenciado este dia como santo²¹ e dia de descanso “na sociedade civil” e “tem uma importância e um significado que ultrapassam o horizonte propriamente cristão”.²² Nesta santificação e descanso no domingo, envolvendo a “sociedade civil” e ultrapassando “o horizonte propriamente cristão” como ficam as outras religiões e culturas que não observam o domingo, como os judeus, muçulmanos, cristãos não concordes com este dia como santo e as religiões nativas?

Esta Carta coloca também que “a legislação civil tenha em conta o seu dever de santificar o domingo”.²³ Ao que tudo indica, isso estimula a violência de consciência quando os Estados e religiões se unem com objetivos teocráticos, não respeitando a liberdade de consciência, gerando intolerância.

Na América Latina, tivemos experiências similares, onde as liberdades religiosas e políticas eram vigiadas e também proibidas. Nos EUA não foi tão diferente, houveram perseguições religiosas. Até hoje, existem as “Blue Laws”, leis dominicais regionais que podem a qualquer momento se transformarem em Lei Dominical Federal, visto que já houveram tentativas no século XIX com o projeto de Blair sobre uma rigorosa legislação dominical nos EUA e no século XX outro movimento nos EUA em favor da santificação do domingo, quando a Suprema Corte a declarou constitucional e um dos seus juízes repudiou a ideia. Por este motivo, a “Blue Law” não entrou em vigor. Porém, o movimento continua, principalmente nas comunidades eclesiais estadunidenses podendo criar problemas no inter-relacionamento populacional. Lembro do profeta Sofonias quando diz nas Escrituras: “Congregai-vos, sim, congregai-vos, [...] antes que o decreto produza efeito, [...] antes que venha sobre vós o dia da ira do Senhor” (Sofonias 2:1,2). E também o profeta Oséias “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta conhecimento...” (Oséias 4:6)

E o que a América Latina tem a ver com isto? Como os EUA continuam na liderança militar do planeta, apesar da crise, normalmente o mundo o segue. Neste sentido, a justificativa pode ser de ordem econômica, ecológica, social, familiar e moral.

Portanto, a população latinoamericana não deveria aceitar mais essa faceta do imperialismo, visto que somos um continente pluriétnico, com diversas culturas e

²¹ PAULO II, JOÃO. *Carta Apostólica Dies Domini do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p.7;19-21.

²² PAULO II, p.71.

²³ PAULO II, p.74.

religiões. A presença judaica está entre os latinoamericanos desde os descobrimentos dos nossos países. Muitos judeus se tornaram cristãos-novos por causa da perseguição. Enfim, almejamos uma América Latina plenamente democrática, com sua diversidade, convivendo respeitosa e pacificamente.

JUDEUS, CRISTÃOS-NOVOS E O SUL O BRASIL

A presença judaica ibérica e cristã-nova ou de seus descendentes se faz presente entre nós, brasileiros, desde a colonização do Brasil, de norte a sul. Neste sentido, os judeus colaboravam com os portugueses nas suas navegações. É interessante notar a origem do astrolábio náutico usado pelos portugueses, preparado pela Junta dos Matemáticos deste país nos primórdios das grandes navegações, inspirado no “Almanach Perpetuum”, do célebre judeu Abrahan Zacuto. Este livro foi traduzido do hebraico para o português pelo Mestre José Vizinho.²⁴ Isto só para exemplificar a influência judaica junto as navegações portuguesas antigas.

Para tanto, assim se expressa Solidonio Leite Filho: “É sem duvida que os judeus, pelo menos indirectamente, participaram no descobrimento do Brasil, que, [...] nada mais foi do que a consequencia logica e fatal das explorações maritimas dos seculos XV e XVI”.²⁵

O mesmo também coloca que foram os judeus “peritos na arte de navegar, os que maior auxilio prestaram [...]. Coube, na época do Infante D. Henrique, “ao célebre judeu Jafuda Cresques, que a grande custo deixára Malhorca, ensinar a sciencia nautica aos officiais lusitanos”.²⁶

No que diz respeito à colonização portuguesa no Rio Grande do Sul, destaco a presença açoriana neste estado do sul brasileiro, onde se faz presente, entre outras regiões, no município de Glorinha/RS.²⁷ Também é possível mencionar algumas ilhas de onde vieram alguns ancestrais açorianos e suas famílias, cujos descendentes vivem na comunidade de Maracanã, neste município: André Manuel Machado Sarmiento - São Jorge (via materna); Domingos Correa - Graciosa; André Luiz Alves Pereira (André Luiz Álvares) – Ilhas Terceira e S. Jorge (avós); António de Souza Lima - Ilha de São

²⁴ LEITE FILHO, Solidonio. *Os judeus no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite, 1923, p.31.

²⁵ LEITE FILHO, 1923, p.33.

²⁶ LEITE FILHO, 1923, p.29.

²⁷ KNOBELOCH, Márcio Darlan Rosa. *Traços do discurso religioso fundador de Glorinha/RS: suas histórias e aspectos religiosos*. Dissertação (Mestrado em ...). EST-IEPG, 2008, p.15.

Miguel.²⁸

A presença açoriana no município de Glorinha, Rio Grande do Sul, também nos é confirmada pela pesquisadora local Célia Silva Jachemet, atualmente (2011) presidente da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul – CAERGS.²⁹

Na formação do povo açoriano, além do português continental e outros, encontramos judeus e cristãos-novos em seus quadros.

José Gonçalves Salvador sustenta que muitos judeus “vão para as Ilhas e se acobertam sob a capa de cristãos” (diga-se, católicos romanos), referindo-se aos Açores e a Madeira, e coloca que “em novembro de 1618, deram-se informes à Inquisição de Lisboa de que mais de quarenta judeus portugueses haviam passado da Holanda à Ilha Terceira”, e que “As Ilhas funcionaram então, mais do que noutras fases, como trampolim para o Brasil e Rio da Prata entre 1609 e 1621”.³⁰

Nesta situação “O Santo Ofício não podia ver com bons olhos a atuação dos sefardins nos referidos arquipélagos e nem em parte alguma do Império. Detentores por excelência do comércio, (os judeus) eram considerados usuários, como, de fato, muitos demonstravam. A conversão deles (ao catolicismo) não lhe merecia confiança. O seu relacionamento com as nações protestantes causava sério temor”.³¹

Sobre a presença judaica portuguesa e cristã-nova nos Açores, temos as famosas fintas ou impostos do início do século XVII, onde são mencionados nomes, como é o caso de Francisco Álvares Pereira de Angra do Heroísmo, Terceira, Açores,³² entre outros.

Ainda sobre a presença judaica nos Açores, temos um trabalho genético, elaborado pela Dra. Luisa Mota Vieira, investigadora e diretora da Unidade de Genética e Patologia Moleculares (UGPM) do Hospital do Divino Espírito Santo (HDES) de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores. Esta investigação tem como resultado, entre outros, a etnia judaica como segunda na formação étnica dos Açores com base no

²⁸ KNOBELOCH, Márcio Darlan Rosa. Notícias de Maracanã. *Jornal de Glorinha*, Glorinha/RS, 10 fev. 2010, p.7.

²⁹ JACHMET, Célia Silva. *Açorianos, alemães e negros*. Assimilação e organização social: uma comunidade mista. Glorinha 1880-1960. Cadernos Glorinhenses, v.1, p.22.

³⁰ SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos e o comércio no Atlântico meridional*: um enfoque nas capitânicas do sul, 1530-1860. São Paulo. Pioneira. Brasília: INL, 1978, p.247.

³¹ SALVADOR, 1978, p.248.

³² BRAGA, Paulo Drumond. *A Inquisição nos Açores*. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 409-14.

cromossoma “Y” dos açorianos.³³

É importante ressaltar que a dita Unidade divulga seus dados junto às escolas secundárias de Ponta Delgada, como respostas às suas solicitações, não confinando informações somente ao plano acadêmico, mas popularizando-as.

A presença de descendentes de judeus e cristãos-novos entre os sertanistas no Brasil também se faz sentir no Sul do Brasil. Em Glorinha, no Rio Grande do Sul, temos a macro-família Maciel, onde muitos ancestrais, oriundos do atual estado de São Paulo, eram desta “etnia” (José Gonçalves Salvador em sua obra intitulada “Os cristãos-novos-povoamento e conquista do solo brasileiro(1530_1680)” diz que as famílias de São Paulo entre os séculos XVI e XVII eram entrelaçadas entre si, p.8 e 9), além dos Rocha Alves Pereira, todas estas famílias com descendência numerosa em Glorinha, Rio Grande do Sul.

Como ancestrais da macro família Maciel acima mencionada, temos os cristãos-novos Lopo Dias, Manoel Fernandes Ramos, André Fernandes, Gonçalo Camacho, Paula Camacho e outros, todos incluídos em fontes genealógicas dignas, como é o caso dos Institutos Genealógicos e das Cúrias, etc.

Assim, na formação populacional do Rio Grande do Sul, encontramos, em seus primórdios, sertanistas de origem paulista, paranaense e catarinense, além de açorianos, onde descendentes de judeus ibéricos e cristãos-novos estavam imbricados.

Outro caso interessante, o qual merece um estudo mais aprofundado é o da macro família Rocha Alves Pereira, mais conhecida como Alves Pereira, no município de Glorinha, Rio Grande do Sul, onde o casal Joaquim Alves Pereira e Carlota Joaquina da Rocha, a partir de meados do século XIX deixaram uma numerosa prole. A Carlota Joaquina da Rocha é descendente de Yahia Ben Yaish “um dos judeus mais nobres da península” que participou do governo de Afonso Henriques, o fundador da nacionalidade portuguesa, o qual “não desprezou, nas guerras de conquista, a cooperação pessoal da raça hebraica” e que Yahia Ben Yaish constara “entre as pessoas que maiores serviços lhe prestaram” figurando como seu almoxarife.³⁴ Neste sentido, Maria Luiza Tucci Carneiro, referindo-se ao tempo de Dom Afonso Henriques, aborda que nesse governo, os judeus tinham posições nos ofícios públicos e civis, embora não com

³³ VIEIRA, Luisa Mota. *Apelidos, genes e consanguinidade na população Açoriana*. Disponível em: <http://www.adiaspora.com/_images/_article/_events/2005/3rd_Anniversary/LuisaMotaVieira-AdiasporaJan2005.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2008.

³⁴ LEITE FILHO, 1923, p.9.

exclusividade.³⁵

Entre os filhos de Joaquim Alves Pereira e Carlota Joaquina da Rocha, havia um de nome Elias, nome incomum na região de Glorinha/RS e um nome israelita.

Outro mecanismo que silenciou os judeus e cristãos-novos foi a idéia de pureza de sangue, visto que “do ponto de vista religioso, a população devia pensar e agir conforme os preceitos da Igreja Católica, pois um simples gesto poderia se transformar em um pretexto para o indivíduo ser denunciado ao tribunal da Inquisição como criptojudeu.³⁶

Muitos judeus e cristãos-novos se viram obrigados a se valerem de falsos atestados de genere, fazendo com que se perca com mais facilidade, as raízes das gerações futuras, dificultando-lhes um trabalho genealógico a respeito de suas origens judaica e cristã-nova. Sobre isto Maria L. T. Carneiro nos diz que “o cristão-novo, com o objetivo de fugir às perseguições da Inquisição ou ingressar na carreira pública e religiosa, lançou mão, muitas vezes, de falsos atestados de genere para comprovar, perante a sociedade cristã-velha, sua limpeza de sangue” e que “através de casamentos mistos, os conversos conseguiram, frequentemente, encobrir sua ascendência judaica”.³⁷ Acredito que essa “encobertura” das raízes judaicas ibéricas tenha acontecido no Brasil de norte a sul. A propósito, a historiografia brasileira deveria ser revista: além dos portugueses, índios, negros e imigrantes, o elemento judeu/cristão-novo deveria constar com mais ênfase entre as “etnias” formadoras do povo brasileiro. Em nossa concepção de história, ainda temos forte influência positivista, o que é extremamente conveniente à manutenção da ordem vigente.

Sobre o catolicismo no Brasil Colônia Carmen Cinira Machado coloca que “a predominância do catolicismo precisa ser encarada num quadro mais amplo que o meramente religioso. O empreendimento colonizador português, com os seus interesses de exploração econômica e de [...] consciência colonizadora portuguesa era fortemente motivada pela religião [...]” e que “o fato da repressão não significou, contudo, que as religiões desses outros povos desaparecessem” no Brasil. “Em muitos casos ocorreu a mistura de elementos”,³⁸ então, os interesses sobre judeus e cristãos-novos não eram

³⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito no Brasil Colônia*. Os cristãos-novos. [Brasília]: Brasiliense, 1983, p.184.

³⁶ CARNEIRO, 1983, p.59.

³⁷ CARNEIRO, 1983, p.59.

³⁸ MACHADO, Carmen Cinira. *Imagem do Eterno*. Religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989, p.29-31.

somente religiosos, mas também financeiros e materiais. Nota-se no Brasil, também no sul, muitos costumes entre a população atribuídos aos cristãos-novos, em populações predominante católicas, entre os mais velhos, como por exemplo, não tirar a barba em sinal de luto, não apontar para estrelas, varrer a casa de frente para trás, etc.

Para concluir, coloco que os judeus e seus afins sempre sofreram de forma violenta, ao longo da história, o que não é nenhuma novidade para nós, e que os meios de comunicação no presente ainda estimulam essa violência antijudaica e que os antissemitas do mundo ocidental deveriam fazer uma releitura das Escrituras Cristãs e que a população latinoamericana tome uma consciência melhor sobre sua história, isto é, sobre a presença judaica e cristã-nova, ao lado de portugueses, índios, negros, espanhóis e imigrantes. Também concluo dizendo que no sul do Brasil existem descendentes de judeus ibéricos via cristãos-novos, mesmo que a maioria, quase absoluta, não tenha consciência disto.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 4ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1989.

BRAGA, Paulo Drumond. *A Inquisição nos Açores*. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1996.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito no Brasil Colônia*. Os cristãos-novos. [Brasília]: Brasiliense, 1983

IZECKSOHN, Isaack. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1973. v.2.

IZECKSOHN, Isaack. *História dos judeus*. 2.ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1974. v.1.

JACHMET, Célia Silva. *Açorianos, alemães e negros*. Assimilação e organização social: uma comunidade mista. Glorinha 1880-1960. Cadernos Glorinhenses, v.1

KNOBELOCH, Márcio Darlan Rosa. Notícias de Maracanã. *Jornal de Glorinha*, Glorinha/RS, 10 fev. 2010, p.7.

KNOBELOCH, Márcio Darlan Rosa. *Traços do discurso religioso fundador de Glorinha/RS*: suas histórias e aspectos religiosos. Dissertação (Mestrado em ...). EST-IEPG, 2008.

LEITE FILHO, Solidonio. *Os judeus no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite, 1923

MACHADO, Carmen Cinira. *Imagem do Eterno*. Religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989

PAULO II, JOÃO. *Carta Apostólica Dies Domini do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos e o comércio no Atlântico meridional: um enfoque nas capitanias do sul, 1530-1860*. São Paulo. Pioneira. Brasília: INL, 1978.

TRESMONTANT, Claude. *São Paulo e o mistério do Cristo: mestres espirituais*. Traduzido por Ruy Flores Lopes. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

VIEIRA, Luisa Mota. *Apelidos, genes e consanguinidade na população Açoriana*. Disponível em:
<http://www.adiaspora.com/_images/_article/_events/2005/3rd_Anniversary/LuisaMotaVieira-AdiasporaJan2005.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2008.

Descendentes de Yahia Ben Yaisch e de cristãos-novos, luso-açorianos e indígenas, antigos moradores de Maracanã - Glorinha/RS.



Arlinda Lima da Rosa



Otacílio Lima da Rosa



Nair Rosa Knobeloch



Nadir Rosa de Morais



Maria Souza Lima



Zilda Rosa Correa